



A MAGIA DAS TRAMAS

A exposição de Teresa Segurado-Pavão tem múltiplos significados e várias histórias para nos contar. A recordação da infância: uma menina loura de olhos verdes passeia pelo Jardim Tropical de Lisboa. Percorre pelo instinto a densidade vegetal. Mangas e palmeiras, coqueiros e folhagem dispersa animam o seu imaginário. Nesse paraíso florestal reconhece no pisar das folhas caldas e no estalar dos ramos secos, uma vida oculta e misteriosa. As memórias desta infância vão crescendo como trepadeiras as copas mais altas. Ficam vagens, sombras, fragmentos de caules distorcidos pelos tempos e folhas de palma. Une, reúne e urde com barro e fios naturais uma intriga africana.

« África

No teu corpo rugem feras

Uivam fomes e medos ancestrais

No teu sangue há mares

Na tua pele há dardos e punhais

Ventre de Continentes

És mater e matriz

Ásia é semente. Europa é flor

Outros são essência ou tronco

Tu, Africa és raiz» (1)

É deste ventre «fetiché» que se expandem os sortilégios. Dele saíram em tumulto as Índias e os Brasis. Revolvendo-se em subterrânea actividade, expulsou com poderosa força, terras outras, continentes e sub-continentes que partiram pelos mares e oceanos. Teresa Segurado-Pavão concentra-se na emoção com que foi vivida a relação menina-éden. Volta a África inicial pelo animismo que empresta aos troncos do seu jardim. Chama o Homo Habilis, o habitante da floresta tropical. Ali, ele aprendeu a sorrir e a jogar. Estabeleceu sistemas de comunicações e organizou-se em grupos matrilineares onde a divisão sexual do trabalho se distinguia entre a caça e a intensa relação mãe-cria, destinada a socialização desta. Teresa, ergue então as suas lanças e dá-lhes o sentido do homem tribal como figuras iniciáticas que ganharam o saber do corpo, do gesto e da mão.

<< O Homo Habilis, dotado de uma protocultura elementar... parece representar o elemento intermédio que conduz ao Homo Erectus, conhecedor do Fogo» (2).

A uma distância de dez milhões de anos a micro-visão do cenário infantil fecundou a cosmovisão adulta de Teresa Segurado-Pavão. O cenário mágico é a Africa Austral, o berço da Humanidade.

<<Como Primata social, caçador, o Homem deve ter estado organizado nas suas origens em grupos territoriais. Os etólogos inclinam-se a supor que ainda levamos connosco algumas características que não podem ser eliminadas pelos processos de educação e a territorialidade de grupo é um desses traços ancestrais>> (3).



As lanças protectoras e intemporais visam uma intencionalidade mística de veneração, de crença e desejo de fertilidade. Marcam também o espaço e delimitam um território, pontuando o percurso da viagem de retomo ao ventre original. Fora das águas amnióticas Teresa Segurado-Pavão objectualiza o ventre em «fetiche», separando-se dele, mas dando-lhe todavia uma dominância sagrada.

Depois, há outros objectos domésticos, complementares, sempre relacionados com o mundo vegetal. A renovação do tempo também se fazia pela consagração da nova colheita. «A alimentação tinha de facto o seu significado ritual em todas as sociedades arcaicas» (4).

A manufactura de objectos e o seu fabrico mais ou menos elaborado indiciam a presença da cultura no processo de hominização. Esta manipulação dos materiais naturais é uma actividade paralela e interdependente da evolução biológica.

«Em todos os actos do seu comportamento consciente, o «primitivo», o homem arcaico apenas conhece os actos que já foram vividos anteriormente por outro, um outro que não era homem. Tudo o que ele faz já foi feito. A sua vida é uma repetição de gestos inaugurados por outros» (3). Nesta contínua e secular repetição na qual se foram verificando pequenas mas graduais ousadias de inovação se gerou um progressivo desenvolvimento cerebral e o conseqüente enriquecimento das capacidades e potencialidades naturais. Inato ou aprendido somam-se e desfazem-se no homem, hábil e reflexivo criador de objectos, no qual se fundem as características arcaicas do bípede e as recentes aquisições da complexa e sinuosa história de cada indivíduo.

E neste diálogo da raiz ao fruto, qual maçã da árvore do Génesis que se poderá entender parte do significado desta exposição. Há um mistério adivinhado da urgência da salvação, pela intencionalidade primordial que é dada a seiva vegetal como perene habitat do ser humano. Este valor, tão essencial à sobrevivência da espécie, é-nos transmitido de forma alegórica. A salvação está na terra. A pedra filosofal está na árvore. Apela-se para um novo sentido do ouro que é também um novo segredo de sabedoria, voltando ao velho principio alquimista «o que está em baixo é igual ao que está em cima». A clareira aberta por estas Tramas e Sortilégios dão luz a fórmula da Tábua de Esmeralda de Hermes «Em cima as coisas celestes, em baixo as coisas terrestres, pelo macho e pela fêmea a obra é concluída» (6). Estas considerações são conduzidas por um recente modo de interpretação: «a Nova Critica é uma crítica que partiu em primeiro lugar da temática e que se interessou pelos temas. Isso também despoletou, especialmente nas nossas universidades, toda uma corrente de interesse pela imagem, pelo símbolo, bem entendido, o arranjo de isso entre si, aquilo a que chamamos mito» (7).

Parece pois ser útil e pertinente reflectir sobre a identidade cultural dum povo, retomando o tema da busca das origens, já que existe uma inquietante e generalizada mutação e se estão verificando profundas alienações colectivas de caótica e despersonalizada colonização cultural.

Se é comum e universal a convivência entre o «primitivo» e o homem actual, no português, a primeira fuga do seu território, após a delimitação das fronteiras, é africana. Não foram os iberos, eventualmente provenientes de África, os primeiros e conhecidos habitantes da Península? Regressa portanto às origens e desde 1415 é para cá do Atlas que se dirige, onde enterra as suas lanças e constrói oásis-fortalezas, perdidos nas areias do deserto. Mas a viagem prossegue pelo mar, contornando um conteúdo que acaba afinal por ser a sua última provação. Da morte e da guerra que eles e nós sofremos, permanece no sangue, nos modos de estar e pensar a semelhança a que estas tramas dão vida. O estrangeiro não habita aqui. É esse o Sortilégio. «A Antropologia actual mostra através da sua informação e experimentação que o mito, a fantasia, a projecção utópica e indispensável a vida do homem e talvez também a



do animal. Einstein já dizia: 'um objecto não é independente do sistema que o comporta'. É sobre isso que se fundamenta a Relatividade.>> (6) Esta mágica presença africana em Teresa Segurado-Pavão terá que ser vista a luz do mito que integra hoje não só conceitos decorrentes da Antropologia Cultural como da própria Física. Não nos podemos esquecer que os cientistas de ponta têm sido os novos profetas e que a clássica racionalização e interpretação lógica e silogística do real se transmutou para uma outra e nova concepção do espaço e da constituição física da matéria. O dom da ubiquidade, considerado da ordem do divino ou fenómeno extra-sensorial de alguns privilegiados passou a ser uma propriedade física da luz, ou mais precisamente do fotão, verificada e demonstrada pelo físico francês, Bernard Costa d'Espagnat. A ubiquidade e a reversibilidade do tempo são descobertas científicas e subversivas que vão ao encontro de saberes antigos e esotéricos... O artista, alheio a esta informação, concebe, anima e projecta-se por processos ocultos a si próprio, na criação de aproximações aos arquétipos que Jung visionou e dos quais algumas formas apresentadas aqui, parecem poder corresponder. O ventre e o sol interno, centro da vida, esfera ovóide que perpétua a espécie, neste dialogo de ubiquidade, tão Hábil quanto Actual, com a reversibilidade de um tempo a milhões de anos de distância. A perplexidade e o insólito da utilização dos materiais neolíticos, na junção do barro e das fibras têxteis estabelecem ainda outra provocação. Foi com eles que o nómada parou, construiu casa e se vestiu. Nenhuma homenagem melhor a nobreza desses materiais desvalorizados nesta sociedade sofisticada tecnologicamente industrializada, num museu que trata dos fios, das teias, das tramas, do traje e dos envolventes que o circundam. Não posso deixar de referir a presença amiga de Fernando de Azevedo que absorvendo e interpretando o magico sentido destes objectos, tão magnificamente os soube integrar. Concebeu e organizou o espaço do Museu de forma ritualizada, cadenciando a apresentação museográfica com ritmos ascensionais e imaginando os elementos míticos na linguagem que os objectos lhe foram sugerindo e a que deu o adequado titulo que define esta exposição.

Madalena Braz Teixeira

Directora do Museu Nacional Traje

BIBLIOGRAFIA

- (1) CASTRO, Fernanda de, *Africa Raft*, Lisboa, 1966, p. 9.
- (2) VIEIRA, António Bracinha, *Etologia e Ciências Humanas*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, p. 182.
- 3) TINBERGEN, N., *On War and Peace in Animals and Man*, in *Science*, London, 160, 1968, p. 1411.
- (4) ELIADE, Mircea, *O Mito do Eterno Retorno*, Lisboa, Edições 70, 1984, P. 75.
- (5) *ib.*, p. 19.
- (6) BOUISSON, Maurice, *.4 Magia*, Lisboa, Ulisseia, 1958, p. 222.
- (7) DURAND, Gilbert, *Mito, Símbolo e Metodologia*, Lisboa, Ed. Presença, 1982, p. 17.
- (*) *ib.*, p. 46.